

## Religiosidades afro(...)brasileiras

Giovanni Boaes

Numa dessas noites de sábado, idos há alguns punhados de meses, fui convidado a uma festa de Jurema no terreiro de determinada mãe de santo, hoje já falecida, no município de Bayeux. Assistiria sair do roncó, alguém que conheci durante minhas incursões nos rituais da religião. O neófito, um homem branco de 38 anos, psicólogo de profissão, funcionário público, aluno de mestrado da UFPB, alguém que foi, ou ainda é, católico e kadercista, e há três anos ingressou na umbanda, ou candomblé, não sei dizer com precisão já que a linha que os separa é muito tênue.

Chegando-se ao terreiro, não se vai encontrar uma construção com grandes e imponentes portas, localizada no meio de uma praça, sustentada por muitos degraus que a elevem do chão. Ao contrário, localiza-se no fundo de uma residência comum, numa rua comum, entre outras casas comuns. A porta do terreiro é a mesma porta da casa e nada na fachada anuncia, à primeira vista, tratar-se de um lugar sagrado onde as pessoas estabelecem contato com seus deuses. Ao chegar-se, ao fundo avista-se o barracão, e na derradeira parede, um *congá*, espécie de altar, onde se colocam imagens de santos católicos; no centro, percebe-se uma figura com roupas cor de rosa empunhando uma espada, trata-se de Santa Bárbara católica, equivalente ao Orixá Iansã, a dona da cabeça da mãe de santo que preside o terreiro.

Quando se atravessa a linha que separa a casa da rua, logo à esquerda de quem chega, depara-se com uma edícula cuja porta está fechada e trancada a cadeado. É a casa de Exu. Caso se pudesse abrir aquela porta, coisa impensável para o não iniciado, se veria, certamente, muitas velas acesas, um ou mais alguidares abarrotados de penas, pés, cabeças e miúdos de aves, ou quem sabe, algo maior, cabeça e pés de caprinos preparados no dendê e servidos com farinha ao “*otá do santo*”. Ao lado, certamente, acompanhariam bebidas alcoólicas, cigarros e charutos, moedas, flores e quartinhas contendo água. E sim, se veria também, o fundamental, o *essun*, ou seja, sangue, o elemento de axé. “*Laroiê, babá Exu*”, diz-se ao passar, obviamente sem esquecer o “*Ina mojubá*” para o exu mulher, a pombagira.

No interior do barracão, mulheres de várias idades trajam roupas largas, saias rodadas com armação que fazem lembrar o vestuário feminino do Brasil colonial, e do pescoço, grossos colares de contas coloridas e outras bugigangas, pendem com tamanho peso que dão a impressão de envergarem suas vértebras; os homens, mais discretos, contentam-se com calças e camisas brancas. Alguns usam tipos de batas e turbantes de inspiração africana. Predominam as cores branca e verde. Organizam-se em círculos – a gira –, no centro um círculo menor, o dos homens rodeado por um maior, o das mulheres. Deslocam-se, dançando em sentido anti-horário. Sua dança é ritmada por

cantos, palmas, gaita e por três tambores (*ilus*) tocados a punho de *ogã alabê*. Amiúde alguns dos girantes se estremeçam, saracoteiam o corpo e, então, “caem no santo”, este que chega para dançar, gargalhar, vencer demanda, limpar as cargas, abrir caminho, em suma, na linguagem peculiar dos adeptos, chega para trabalhar. Nesta religião, os santos são trabalhadores.

A pancada no couro vai ficando mais violenta, canta-se mais forte, chama-se, implora-se e mais e mais entidades passam a cavalgar seus “cavalos”; enfim, desfazem-se as barreiras entre este e outro mundo, homens e deuses agora se confraternizam diretamente.

Neste “toque” – leia-se, “nesta festa” –, o *xirê* (louvação) se deu da seguinte forma: primeiro louvou-se o povo da rua e da porteira (exus e pombagiras); o povo da mata (Oxossi e Ossaim), caboclos, índios, pajés, Rei de Orubá, aimorés, pretos e pretas velhos, baianos e baianas e finalmente, os grandes esperados mestres da Jurema: pilintras, boiadeiros, marinheiros e muitos zés – de Angola, Chapéu-amarelo, Pilão-deitado, de Alencar, Manuel Maior, Barruada, Bebinho, de Santana, de Alagoa, Gira-Mundo, e por aí vai.

No momento indicado pelos louvores eles vão chegando, manifestam-se entre nós, cantam, dançam, dão passes e consultas, tiram demandas, dão fumaçadas – “pra direita e pra esquerda, pra levantar e também pra derrubar” como diz a turimba – dão “couro” nos “cavalos”, receitam remédios, fazem previsões, dão conselhos, mas também comem e bebem e, finalmente, depois de alimentados e de alimentarem seus filhos com a boa energia, retornam ao mundo invisível ao zoar dos atabaques e da arrastada melodia: “os atabaques zoam, filhos de umbanda choram, adeus, adeus meu povo, senhores mestres vão embora”, a que todos respondem o coro e engatilham outra canção: “galo cantou, meia-noite, sino bateu, já é hora, ...”. Enquanto isso, aquele corpo que serviu de “cavalo” à sua entidade, desperta do transe, ofegante, atordoado e cansado, mas ao que tudo indica, satisfeito.

Este ritual é uma “festa” especial de “Jurema”, em que se apresenta à comunidade e aos visitantes, um novo filho feito nas folhas da Jurema Sagrada sob a tutela dos mestres, caboclos, pretas e pretos velhos e uma miríade de outras entidades. Após três dias de reclusão – recolhimento – o filho será apresentado como um outro, uma nova pessoa renascida dentro do santo (na religião), o que lhe garantirá prerrogativas que só os iniciados possuem. Mas, junto com as prerrogativas vêm as obrigações e preceitos a serem observados, rígidos o suficiente para retirar do caminho os incautos e incrédulos, deixando apenas os determinados e devotados aos seus deuses.

O iniciado passou três dias no quarto da Jurema oferecendo sacrifícios, tomando banhos (de ervas e *essun*), recebendo “curas” – incisões – no corpo e cumprindo rituais desconhecidos aos *outsiders*: segredos de camarinha. Todo o esforço leva ao renascimento ritualístico do “filho feito”, consagrado na Jurema. Jurema é uma planta, mas é também o nome de uma cabocla, a filha de Tupinambá, é o nome de uma cidade encantada, de um reino, o Juremá; mas acima de tudo, Jurema é um complexo de símbolos, nomes, rituais e gestos que compõem uma denominação das chamadas religiões afro-brasileiras, é um culto religioso. É uma palavra polissêmica que

representa um complexo de significados que institui atos rituais no qual se manipulam objetos e símbolos sagrados. Uma palavra-território que designa identidade, semelhança, agrupando e separando pessoas, palavras e coisas.

Chegado o momento, a mãe de santo, saudosa mulher carismática e forte no auge de seus 90 anos, permanentemente enervada por Iansã, retirou o neófito num exótico *pas de deus*. Ao toque dos tambores, das palmas e do canto coletivo, saiu, ou melhor, pariu-se, num cansativo e lento deslocar cadenciado de corpos, aquele homem branco como o leite, portando na cabeça um chapéu de palha, insígnia do mestre, e nele (no chapéu) enfiadas duas penas de pavão; no corpo, bolinhas de giz branco foram desenhadas, uma tira de pano amarrada ao tórax, uma calça comprida de cor branca, sob um saiote de chita: eis que o homem não era homem, transmutara-se no “cavalo” do orixá Ossaim, o orixá das folhas ... Dizia-se em uníssonos algo parecido com “*ewe ossá*”.

A mãe conduzindo o filho. Saudaram primeiramente a porta da rua, depois os quatro cantos do terreiro, o que segundo Eliade, representa os quatro pontos do mundo e por fim, reverenciaram os ilus. Depois o filho foi recolhido ao quarto de santo onde foi preparado – vestido – para sair mais três vezes: numa emprestou o corpo ao seu caboclo, na outra, ao preto-velho, e por último, e mais esperada vez, arreou o mestre da falange dos marinheiros. Estava estabelecida a intimidade entre os guias e o guiado; novos elementos foram incorporados à identidade do iniciado. Celebrava-se a aliança entre homens, mulheres e seus deuses, e para cada ligação estabelecida, um colar de contas (guia) e um assentamento ganhavam forma e uso; só os mais atentos podiam compreender que aquelas “alianças” (colares, assentamentos, insígnias) indicavam que ali se celebrava um casamento: uma comunhão.

Estes fatos, arrumados na sequência da crônica, ilustram algumas características deste multiverso que são as religiões afro-brasileiras. Tentei criar uma expectativa para prender leitor(a) e estimulá-lo a prosseguir nas páginas seguintes. Algumas perguntas devem estar pulsando, tais como: afinal o que são essas religiões? São homogêneas? O que as diferenciam das ditas religiões “oficiais”? Por que se configuram desta forma, com seus rituais, sacrifícios, iniciações, transe e possessão? Quais os motivos que as fazem ser discriminadas e não toleradas? Entre tantas outras.

Nos textos que seguem, os autores nos incitam a refletir sobre estas questões, alguns diretamente, outros nem tanto, mas vistos no conjunto, eles se complementam. Não comentarei os artigos um a um, deixarei que falem por si mesmos, quero apenas agradecer aos professores e aos orienta(n)dos que aceitaram de bom grado o convite para a publicação. E por último, gostaria de explicar as “reticências” do título: entre o que se define como africano e brasileiro, colocam-se tantas possibilidades que às vezes fica muito difícil dizer o que é um, o que é outro e tudo que deixam de ser para se tornarem os dois ao mesmo tempo. Esta dificuldade pode ganhar forma, por exemplo, na briga contra o que é sincrético, na busca da pureza africana, no embranquecimento umbandista, no politicamente correto das religiões de matriz africana, etc. “Reticências” são portas aos “possíveis”, neste caso, um lembrete de quem escreve a quem lê e interpreta.